

DEZ ANOS DE SBE

Guy Christian Collet
Vice-Presidente

Uma retrospectiva da atividade espeleológica durante estes dez anos de existência oficial, mostra os resultados positivos do empenho dirigido no sentido de cumprir a tarefa de descobrir, explorar, estudar, divulgar e preservar as cavernas do território nacional; tudo isso apesar das dificuldades que representam as enormes distâncias e a falta crônica de recursos financeiros.

Alguns dados numéricos vão nos convencer ainda mais:

Em 1969 coordenamos as atividades de uma dúzia de espeleólogos ativos em São Paulo, agrupando os esforços e os homens. Reunimos os arquivos e os equipamentos particulares dos elementos que exploravam independentemente o sul do Estado de São Paulo, e sob a orientação dos mais antigos e experientes formamos uma equipe que alguns meses depois iria fundar, em Ouro Preto, durante o 4º Congresso Brasileiro de Espeleologia, a Sociedade Brasileira de Espeleologia. A fundação da SBE foi, portanto, resultado de uma seqüência natural de fatos tendentes a aglutinar os praticantes da espeleologia em torno de uma entidade comum. Um desses primeiros acontecimentos foi a realização do 1º Congresso Brasileiro de Espeleologia, na Gruta Casa de Pedra, em Iporanga, no ano de 1964 onde participaram representantes do Clube Alpino Paulista, Espeleogruppo de Londrina, e do Instituto Geográfico e Geológico.

Porém, a oficialização da entidade tinha sido precedida de muitos anos de exploração. Basta citar as cavernas anteriormente topografadas e estudadas para demonstrar a grande atividade destes espeleólogos pioneiros: Casa de Pedra, Tapagem, (do Diabo), Pescaria, Chapéu, Morro Preto, do Couto, da Marreca, Monjolinho, Alambari (I e II), Ouro Grosso, Santana, Água Suja, Arataca, Areias de Cima e Baixo, do Pierre, Jeremias, Sítio Novo, Joaquim Justino, Abismo Alain, da Páscoa, Córrego Seco, Água Quente, Gurutuva, Abismo da Estrada, Tobias de Cima e de

Baixo, etc., no Estado de São Paulo. Em Minas Gerais, a Sociedade Excursionista e Espeleológica de Ouro Preto, fundada em 1937 já havia explorado várias dezenas de cavernas em todo o Estado, principalmente na região de Lagoa Santa. Além disso, foram feitas várias explorações em outros estados como Paraná (Furnas de Vila Velha), Bahia (Brejões, Mangabeira, Salitre, etc.), e Ceará (Ubajara).

A SBE, já naquela época, visava reunir e orientar os esforços dos diversos espeleólogos esparsos e dos grupos constituídos, alguns de longa data, e constituir um acervo centralizado dos dados recolhidos durante essas pesquisas do mundo subterrâneo. Aliás os estatutos originais registrados na fundação são inequívocos a esse respeito.

Desse marco fundamental realizado em Ouro Preto em homenagem à SEE, a SBE não parou de crescer, sempre reunindo, associando os esforços isolados a uma vontade comum de conhecer melhor o nosso patrimônio nacional em matéria de cavernas.

No princípio o número de associados ativos era reduzido e não justificava, ou não permitia, a formação de grupos ou equipes diferenciadas. Todo mundo trabalhava, explorava sob a única bandeira da SBE, o que não atendia perfeitamente aos objetivos dos estatutos, porém nós aplicávamos o espírito da sociedade, deixando para mais tarde a aplicação da letra.

Tivemos que fabricar os nossos equipamentos, aperfeiçoar e melhorar o existente na praça, adaptando-o às exigências do duro trabalho subterrâneo. Durante muito tempo improvisamos mochilas e macacões, procurando o modelo de sapato mais adequado e resistente às águas agressivas das grutas. Temos que fabricar ainda hoje os cachimbos receptores de bicos e acomodar todo esse conjunto ao capacete. Cada um vai contribuindo ao aprimoramento dos equipamentos e até conseguimos convencer um fabricante de geradores de acetileno a modificar, para nós, algumas dezenas de peças para fins espeleológicos.

As explorações vão se ampliando, aumentando o raio de ação dos espeleólogos, que continuam a atuar em outros estados:

- 1970 - Goiás - Terra Ronca.

- 1971 - Goiás e Bahia - Caverna dos Paulistas, Palmeiras, Manuel Lopes, Caverna João Rodrigues, do Sumidouro, do Egídio, dos In-

dios, Painha, e outros menores.

- 1972 - Goiás - Lapas da Angélica, do Enxu, Clarona, etc..

- 1973 - Goiás - Angélica, Bezerra (com mais de 8500 metros), São Vicente, São Matheus - Imbira,..

No início de 1974 começa a ser instalado um laboratório subterrâneo de pesquisas com o intuito de reunir, numa caverna acessível, os elementos a serem estudados de maneira mais sistemática e demorada, mantendo vivas e sob controle algumas formas de vida tipicamente cavernícolas, afim de observar pormenores dos ciclos de vida estranha desses seres que escolheram a escuridão para viver e se perpetuar. Tomamos medidas físicas de temperaturas internas em relação às externas, do crescimento de calcita, das formações de pérolas das cavernas.

Em 1974 além dos trabalhos em nosso estado prosseguia em Goiás a exploração do conjunto São Matheus, chegando a atingir quase 14.000 metros topografados, superando o recorde anterior de comprimento da Angélica: e o conjunto prossegue!...

Desde o ano anterior o Departamento de Arqueologia da SBE vinha desenvolvendo atividades sistemáticas que chamaram a atenção do Instituto de Pré-História e do Museu de Arqueologia da Universidade de São Paulo, pela originalidade de suas descobertas e a constância da sua atuação.

As pesquisas e exploração no sul do Estado de São Paulo vão aumentando, bem como o efetivo da SBE. Dessa época data a divisão em equipes ou início de formação de grupos que passaram a ter atuação própria, só se referindo à SBE como grupos associados; enviando os seus relatórios de trabalhos, mapas, croquis topográficos, para constituição do Cadastro Geral das cavidades naturais do Brasil, bem como, de uma documentação, acessível a qualquer pessoa ou entidade. Uma divisão teórica do Vale do Ribeira é feita para evitar duplicação de trabalhos e sistematizar as prospecções.

Também em 1974, graças a uma campanha bem sucedida e a colaboração toda especial dos Opiliões, a sede própria é conseguida. Assim deixamos de recorrer a particulares ou entidades para abrigar os nossos arquivos, biblioteca, mapoteca, e para nossas reuniões quinzenais. Todos aqueles que gentilmente nos acolheram, recebem mais uma vez os nossos agradecimentos.

São realizados vários congressos anuais, começando pelo de número IV em 1969 até o VIII em 1973, em São Paulo.

1975 e 1976 são dois anos de intensas explorações tanto em Minas Gerais e São Paulo como no Paraná, neste último a pedido da Paranatur (Gruta dos Jesuítas, Boicatuva) para fins turísticos.

Em janeiro de 1975 uma equipe de onze espeleólogos do Centro Excursionista Universitário realizou uma experiência de permanência na Caverna de Santana pelo período de quinze dias sem contato com o exterior e sem relógio, realizando pesquisas naquela caverna; como resultados, além de interessantes descobertas biológicas e da descoberta do Salão Takeupa, considerado como a mais bem ornamentada rede de galerias em cavernas brasileiras, foram feitas importantes constatações a respeito do ciclo vigília-sono e sua discrepância com o ciclo de vinte e quatro horas tradicional.

O Departamento Arqueológico descobre os sambaquis fluviais do Vale do Palmital, Itaoca, Município de Apiaí (São Paulo). Colabora com a missão Franco Brasileira no Sambaqui das Docas de Santos (COSIPA), também passa uma semana na Lapa Vermelha com a Dra. Annette Amperaire e o Prof. André Prous.

Os IX e X congressos são realizados alternativamente em Ouro Preto e em São Paulo mantendo um contato estreito entre os espeleólogos de cidades e estados diferentes. As expedições de grande porte são realizadas seguidamente.

Os grupos constituídos ainda eram poucos: SEE, CAP, CEU, os Opilões, Bagrus (São Paulo), GEC (posteriormente GEMAT, em Cuiabá), enquanto que outros, estavam ainda em formação e posteriormente iriam se consolidar.

Algumas especialidades são desenvolvidas com mais intensidade por grupos específicos: o laboratório com os Bagrus, a Paleontologia com o CEU, a Hidrologia e coloração com os Opilões, as explorações esportivas e difíceis pelo CAP e CEU.

A colaboração entre grupos é total e o intercâmbio de material pessoal e documentação é intensa.

As descobertas arqueológicas vão em paralelo com as nossas explora

ções e os dados acumulados sobre essa região nos fazem participar do Projeto Ribeira da USP.

Vários abrigos são descobertos, mapeados, e alguns pesquisados; São eles: Guardamão (Itaoca), Maximiano (Iporanga), Sarandi (Guareí). Uma pequena publicação orientativa desse Departamento vem se juntar ao nosso boletim informativo que é editado dependendo muito mais dos nossos meios financeiros do que material para publicar. Essa divulgação dos nossos trabalhos sobre o mundo subterrâneo atrai a atenção dos jornais e revistas, ajudando a penetrar nas universidades e atrair jovens que querem sair da monotonia da vida quotidiana, aqueles que procuram fazer alguma coisa diferente, praticar um esporte ainda não muito divulgado e ter essas emoções indescritíveis da descoberta de um reino fantástico e maravilhoso escondido debaixo da terra.

O grupo de Sorocaba se forma e participa das atividades práticas. (Espeleo Grupo Michel Le Bret). O CAMIN de São José dos Campos logo a seguir requer uma região a explorar. O GESCAN de Campinas faz um rancho próprio e se incorpora a vida espeleológica associando-se como os outros à SBE.

A semente foi plantada e vai crescendo. A SBE segue o desenvolvimento traçado e aperfeiçoa a sua organização, criando comissões nacionais para melhor coordenar os trabalhos desenvolvidos pelos grupos geograficamente afastados. Cada grupo tendo eleito um representante, esse delegado mantém contato com a diretoria, estruturando melhor a organização, criando canais regulares de comunicação, centralizando as informações, formando um conselho deliberativo que trata dos problemas da espeleologia brasileira a nível Nacional.

Enquanto essa estrutura vai se consolidando, se adaptando, os trabalhos específicos se realizam. A paleontologia merece a atenção da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pela seriedade dos trabalhos feitos e pelo valor do material encontrado. Uma verba é obtida e vem aliviar as despesas do grupo.

Um concurso fotográfico é organizado sobre o tema "O Mundo das Cavernas" julgado por competentes técnicos e artistas do foto cine clube Bandeirante. O cinema também faz os seus primeiros passos debaixo da terra rodando algumas curtas metragens sobre o nosso tema favorito, ilustrando as explorações ou as nossas pesquisas. Tudo é começo - Tudo é feito com entusiasmo.

O intercâmbio internacional é cada vez mais intenso, o que produz uma grande ampliação no acervo da biblioteca.

Infelizmente neste curto número de páginas não nos é possível relatar todos os pormenores dessa vida intensa de um grupo de idealistas que, sem fim lucrativo desenvolve uma atividade magnífica de abnegação, sacrifícios, tudo isso em prol da Espeleologia Brasileira. Não poderemos detalhar as viagens de alguns membros ao exterior com seus contatos com entidades e federações congêneres, nem descrever realizações como as explorações científicas e esportivas que levaram o conjunto São Mateus a mais de 20.000 metros topografados. Teríamos gostado de falar da organização, ainda não concretizada inteiramente, do Museu Brasileiro de Espeleologia, dos outros congressos, dos contatos interessantes que eles proporcionam, dos nascimentos sucessivos dos grupos de Cuiabá (MT), Brasília (DF), Rio de Janeiro (RJ), Belo Horizonte (MG), João Pessoa (PB), Rio Claro (SP) e São Carlos (SP).

Não poderemos esquecer tampouco de esforço de divulgação da nossa atividade em artigos publicados em jornais e revistas diversas como: "O Estado de São Paulo", Veja, Geografia Universal, Manchete, o Globo, Quatro Rodas e outros.

Iniciamos com menos de uma dúzia de pessoas, hoje somos 17 grupos constituídos. O próprio cadastro das cavernas do país, publicado neste boletim, dará uma visão melhor da ampla atuação dessa juventude.

Fundamos a SBE em 1969 com a presença do Dr. Michel Le Bret, seu primeiro presidente, e tivemos a imensa alegria nesse mês de julho aqui em São Paulo de poder ver e abraçar "em cavernas" esse grande amigo espeleólogo no encerramento dessa primeira fase de 10 anos de atividade da SBE. O grande sonho dos pioneiros na Espeleologia Brasileira, dos quais fazia parte era divulgar esse esporte ciência e contar com os amigos para nessa tarefa.